



ENSINO DAS RELIGIÕES

Uma contribuição ao debate a partir da Ciência da Religião

Claudio Santana Pimentel¹

Resumo: O tratamento da temática religiosa na escola é controverso. Há quem entenda como inadequada a sua discussão no espaço escolar, sobretudo público, porque seria uma ofensa à laicidade do Estado. Para além dessas controvérsias, a reflexão afirma a necessidade do ensino sobre as religiões a partir dos referenciais teóricos da Ciência da Religião. Esse ensino tem sua justificativa porque diz respeito ao direito do estudante ao conhecimento e implica o desenvolvimento de habilidades e competências fundamentais para a participação cidadã na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Ciência da Religião, cidadania, direito ao conhecimento, escola pública, ensino das religiões.

Abstract: The treatment of the religious theme in the school is controversial. There are those who think that their discussion in the school space, especially the public, is inadequate because it would be an offense against the laity of the State. In addition to these controversies, the reflection affirms the need for teaching about religions from the theoretical references of the Science of Religion. This teaching has its justification because it concerns the student's right to knowledge and implies the development of skills and competences that are fundamental for citizen participation in contemporary society

Keywords: Science of Religion, citizenship, right to knowledge, public school, teaching of religions.

¹ Doutor em Ciência da Religião. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Veredas – Imaginário Religioso Brasileiro e do CECAFRO (PUC/SP). E-mail: pimentelclaudio@live.com.

Introdução

O presente artigo surgiu de situação bastante concreta: um convite para participar de um evento sobre Filosofia e Religião,² reunindo professores de Ciências Humanas da rede pública estadual de São Paulo. A partir daí, procurei articular, considerando o debate teórico realizado recentemente na Ciência da Religião, e as discussões mais diretamente relacionadas ao debate sobre Ensino Religioso e/ou ensino das religiões, uma pequena contribuição sobre sua relevância na escola, pública principalmente, e de como as religiões, como fenômeno social e histórico que são, demandam reflexão, que se dá preferencialmente no âmbito multidisciplinar e, ao menos em potência, interdisciplinar das Ciências Humanas.

Dois pressupostos básicos guiam este texto: primeiro, o de que a reflexão sobre religião não se confunde e não se limita à confissão religiosa, à opção pessoal de cada indivíduo por uma (mais de uma, ou nenhuma) filiação religiosa; logo, o estudante tem o direito de ter acesso ao conhecimento que lhe permita refletir de maneira qualificada sobre as questões religiosas que se apresentam à sociedade em que vive; segundo, entendo que se encontram sobretudo nas Ciências Humanas os referenciais para um debate e o mais possível isento de preconceitos sobre as religiões.

Dessa maneira, a primeira parte deste texto pretende, a partir dos referenciais da Ciência da Religião, em diálogo com as disciplinas de Ciências Humanas atualmente oferecidas ao estudante no Ensino Médio, fundamentar uma contribuição ao debate sobre o ensino das religiões. Na segunda parte, apresentar argumentos que permitam justificar a afirmação de que o conhecimento sobre as religiões é um direito e uma necessidade (ainda que não consciente) do estudante. Na terceira parte, apresentar alguns breves exemplos práticos que consideram, desde a Ciência da Religião, em diálogo com as Ciências Humanas como oferecidas atualmente na escola básica, possibilidades de se abordar a discussão religiosa.

Ciência da Religião, Ciências Humanas e Ensino das Religiões

Como a Ciência da Religião e as Ciências Humanas, pensando particularmente naquelas disciplinas que são oferecidas na educação básica, podem contribuir para o ensino das religiões? Primeiramente, devo afirmar que não se trata aqui de defender uma “nova” disciplina no quadro escolar, mas acompanho a posição de Régis Debray (2002), quando este afirma que o tema religião, como componente das discussões escolares, já se encontra presente, independentemente da existência de uma disciplina de Ensino Religioso.

Antes de prosseguir, porém, convém retomar uma tipologia ideal, seguindo a proposta de João Décio Passos, que apresenta o Ensino Religioso presente na escola brasileira em três es-

.....
² “VI Café Filosófico da DER Sul 3.” Diretoria Regional de Ensino Sul 3. CEU Cidade Dutra. São Paulo, SP. 03.06.2016. Manifesto meus agradecimentos ao Prof. Dr. Eduardo Silva Alves, Prof. Osvaldo Silva da Costa e Prof.^a Tereza Regina Azevedo, do Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino Sul 3, organizadores do evento. O presente texto retoma, com algumas ampliações, a apresentação ali realizada.

tágios ou modelos:³ o primeiro, *catequético*, geralmente encontrado em uma situação social hegemônica; o segundo, *teológico*, “se constrói num esforço de diálogo com a sociedade plural e secularizada e sobre bases antropológicas”; quanto ao terceiro:

[...] ainda em construção, situa-se no âmbito das Ciências da Religião e fornece referências teóricas e metodológicas para o estudo e o ensino da religião como disciplina autônoma e plenamente inserida nos currículos escolares. Esse visa a lançar as bases epistemológicas para o ER, deitando suas raízes e arrancando suas exigências do universo científico dentro do lugar-comum das demais disciplinas ensinadas nas escolas (Passos, 2007, p. 54).

Como ressalta Afonso Soares, trata-se de um modelo que leva em consideração a maneira como historicamente o Ensino Religioso se estruturou no Brasil, a partir de uma situação de hegemonia cristã (católica, sobretudo), até o presente, marcado pela diversidade de alternativas religiosas (Soares, 2015, p. 47-48).

No entanto, isso não significa que se tenha um consenso político-pedagógico sobre o que, como e de que maneira (e até mesmo “onde”)⁴ se deve ensinar:

O processo que culmina com a adoção da Ciência da Religião como base epistemológica do ER apenas engatinha. Jogam contra ele as velhas práticas de ER já consolidadas, os interesses políticos das igrejas e o despreparo dos próprios gestores públicos. Por isso é fundamental engajar nossas comunidades acadêmicas nessa nova proposta, pois elas estão (ao menos, deveriam estar) equipadas para contribuir mais com as necessárias fundamentações teóricas e metodológicas para o ER, além de constituir o ambiente ideal para iniciativas concretas de formação docente (Soares, 2015, p. 48).

Dessa maneira, o Ensino Religioso – em seu atual estágio de desenvolvimento – caracteriza-se por uma potencial abertura a todas as religiões, ficando em tese a critério do professor, de acordo com sua formação e sensibilidade, e também atenção ao contexto educacional e interesse dos estudantes, a seleção dos conteúdos referentes aos universos religiosos a serem estudados. Seu fundamento didático/metodológico não assenta na tradição, mas nas ferramentas propiciadas pelas Ciências Humanas.

A contribuição específica da Ciência da Religião às Ciências Humanas no contexto escolar, viria, portanto, de seu pressuposto epistemológico que observa as religiões como “sistemas de sentido formalmente idênticos” (Usarski, 2006, p. 126). As religiões, independentemente de suas diferenças específicas, oferecem um quadro cognitivo a partir do qual seus adeptos

³ Não se trata de uma sucessão evolutiva ao molde positivista. Concretamente, pode-se encontrar os três modelos coexistindo, e mesmo práticas pedagógicas que apresentem características de mais de um deles.

⁴ Com o termo “onde” indago sobre o lugar desse ensino, se na escola pública – posição que defendo – ou somente em ambientes educacionais confessionais.

compreendem e se relacionam com o mundo. Da parte do pesquisador, ambiciona-se uma neutralidade epistemológica, frequentemente expressa em fórmulas como *ateísmo metodológico* e *agnosticismo metodológico* (cf. Sheddy, 2016), mas, talvez seja possível afirmar, sobretudo, um posicionamento ético, no qual as diferentes religiões são reconhecidas como equivalentes em importância e valor. Essa isonomia formal permite que a temática religiosa seja questionada pela Ciência da Religião em sua multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, a partir das abordagens específicas da História, da Sociologia, da Psicologia, dos Estudos da Linguagem, da Geografia etc.

Em termos práticos, as possibilidades da Ciência da Religião em termos de contribuição à educação podem ser assim sintetizadas:

Como o estudo das religiões considera a pluralidade das religiões, que é uma importante característica da sociedade moderna, deve ser considerado como um relevante parceiro na construção de programas de educação religiosa, especialmente no domínio público. Cada um desses programas deve incluir referências úteis e informativas sobre diferentes religiões que são importantes na comunidade em questão. Quando plenamente desenvolvidos, podem se aproximar do ideal de uma “educação religiosa integrativa” (Franke; Pye, 2004, p. 14).⁵

Mais uma vez, destaca-se a pluralidade religiosa característica das sociedades atuais, e o papel da Ciência da Religião como construtora de um repertório de conhecimento sobre as religiões.

Voltando a Debray, quando este fala a respeito das “disciplinas do sentido” (2002, p. 4), daquelas matérias que, no contexto educacional atual, são responsáveis por oferecer ao estudante subsídios para compreender a significação e as transformações por que passa a realidade:

O objetivo não é recolocar “Deus na escola” mas estender o itinerário humano a vozes múltiplas, portanto que a *continuidade cumulativa*, que se chama também *cultura*, distinga nossa espécie animal de outras, menos felizes. Tradições religiosas e porvir das Humanidades estão no mesmo barco. Não se pode reforçar o estudo do religioso sem reforçar o estudo como um todo (Debray, 2002, p. 5).⁶

Ou seja, o desafio do Ensino Religioso ou do ensino sobre religiões precisa ser compreendido a partir do contexto social, em que se revela o desafio da educação em geral.

A pretensão de ensinar – seja lá o que for – parece cada vez mais questionada em sua legitimidade, sobretudo num contexto social em que o acesso às fontes de conhecimento depende, cada vez mais, dos sistemas tradicionais de reprodução do conhecimento, representa-

.....
⁵ Tradução minha, destaque no original.

⁶ Tradução minha, grifos no original.

dos por escolas e universidades, principalmente. Cabe indagar, então, por que o conhecimento sobre as religiões é socialmente relevante, por que esse conhecimento é um direito – e uma necessidade, ainda que não percebida – do estudante.

4. O direito ao conhecimento sobre religiões

Como pode ser compreendida a expressão “direito ao conhecimento sobre as religiões”? De maneira mais geral, a legislação brasileira garante ao estudante o acesso ao conhecimento, como condição de seu pleno desenvolvimento pessoal e de exercício da cidadania.⁷

Concretamente, isso passa por questões como o fato de se viver em sociedades que são cada vez mais plurais, e não somente em termos religiosos. Convive-se, tanto em sociedade como em família, com pessoas que possuem fés diversas, as quais precisam ser respeitadas. Cada um de nós, por sua vez, espera também que os outros sejam respeitosos em relação às nossas escolhas e modo de vida. Pensar que o respeito pelo outro seja possível, sendo ignorante (no sentido do desconhecimento) em relação às suas convicções mais fundamentais, como as religiosas, beira ao absurdo.

Outras religiões que não somente a nossa própria se apresentam em nosso cotidiano, e exigem nossa consideração. A esse respeito, afirma o teólogo católico Paul Knitter:

Porque os cristãos estão compartilhando não apenas salas de aula e locais de trabalho, mas também mesas de jantar e até o leito conjugal com pessoas de outras religiões, eles descobrem que crenças outrora estranhas assumem diferentes dimensões e poder em suas próprias vidas. O fato de ter um amigo, um colega, um membro da família ou um cônjuge que encontrou significado em um caminho religioso inteiramente diferente do cristianismo não somente nos causa impressão mas também nos perturba. Um budista zen talvez possa encontrar a paz mediante uma prática que sequer fala da existência de Deus. Uma hindu descobre a “salvação” ao se dar conta de que não há diferença essencial entre si mesmo e uma árvore. O que semelhantes afirmações, saídas dos lábios de vizinhos e amigos, significam para a vida e a crenças cristãs? Tais pessoas são seres humanos normais, felizes, que dão conta de suas tarefas e criam famílias tão bem quanto nós ou até melhor. Vivem vidas de amor, serviço, compromisso (Knitter, 2008, p. 22).

Em termos diacrônicos, as diferentes tradições religiosas contribuíram para a formação do patrimônio cultural da humanidade (cf. Pinto, 2013). Pensando no contexto brasileiro, a formação da sociedade brasileira, colonial e no período do Império, e mesmo ao longo da República, é inexplicável sem levar em consideração a presença da Igreja Católica e das diversas formas de catolicismo no processo de constituição nacional. O catolicismo popular esteve culturalmente presente, por exemplo, na relação entre o Brasil e algumas regiões da África Oci-

.....
⁷ Cf. Lei 9.394/1996.

dental (cf. Pimentel, 2016). Recentemente, a legislação, ao afirmar o direito do estudante ao conhecimento a respeito do patrimônio histórico e cultural afro-brasileiro (cf. Vergne, 2016) e indígena,⁸ exige pensar conseqüentemente a necessidade de se apresentar suas tradições religiosas específicas.

Assim como não se pode ignorar a importância crescente das religiões protestantes e pentecostais, ainda que de maneira quantitativamente discreta, a presença de religiões de origem oriental (cf. Usarski, 2013) e também dos chamados novos movimentos religiosos (cf. Guerriero, 2013) se revelam opções relevantes e atraentes, sobretudo para as novas gerações.

Diante de um quadro tão diverso e complexo, o conhecimento sobre religiões revela-se requisito fundamental para o respeito e a compreensão dessa diversidade, assim como para o diálogo inter-religioso.

O quadro tradicional de conhecimento das diferentes religiões, o repertório que elas podem oferecer aos seus filiados, revelam-se insuficientes para esse diálogo. Os esforços ecumênicos, por se dirigirem aqueles que, em suas especificidades e divergências, compartilham a mesma fé, também não se mostram plenamente adequados a responder à complexidade das demandas socioreligiosas atuais.

Não somente há uma diversidade crescente da oferta no “mercado” religioso e/ou de bens simbólicos, como compreender as relações entre essas opções e entre as religiões e o mundo contemporâneo torna-se cada vez mais exigente, devido às múltiplas variáveis que se apresentam, por exemplo: o debate ciência/religião; (cf. Cruz, 2014) as novas formas de vivência e organização religiosa, expressas em categorias como espiritualidade; (cf. Franco, 2013) a emergência de formas militantes de ateísmo, que se organizam como concorrentes e alternativas às práticas religiosas; (cf. Button, 2011; Franco, 2015) os conflitos geopolítico-religiosos contemporâneos, que frequentemente são apresentados sob fórmulas midiáticas rasas e refratárias à reflexão, como no emprego do termo “terrorismo” (cf. Camargo, 2016).

Essas novas perspectivas trazem consigo problemas que envolvem e excedem o religioso, de natureza econômica, social, política, étnico-racial, estética etc.

Dessa forma, a compreensão dos sistemas e práticas religiosas, e da maneira como esses se relacionam, influenciam e são influenciados por diferentes campos da sociedade contemporânea, relaciona-se à condição de possibilidade de compreensão da atribuição de sentido das experiências humanas em termos individuais e coletivos.

Indícios da gravidade e da necessidade do conhecimento sobre religiões podem ser facilmente encontrados na própria internet: ao buscar a expressão “intolerância religiosa” no Goo-

.....
⁸ Lei 9.394/1996, art. 2º, par. 12.

gle, apareceram aproximadamente 489.000 resultados;⁹ ao restringir ao subitem notícias, retornaram aproximadamente 18.800 resultados.¹⁰ Ao buscar, no site jornalístico brasileiro GGN¹¹ a mesma expressão, retornaram 946 resultados, que incluem conteúdos próprios e reproduções a partir de outros sites.

A importância socioeducacional do tema não escapa ao interesse dos próprios mecanismos de avaliação da educação básica, como se pode perceber na proposta de redação apresentada na primeira aplicação do ENEM em 2016, que teve como tema “Caminhos para combater a intolerância religiosa”.¹²

Dois exemplos práticos da contribuição da Ciência da Religião

Podemos apresentar, como primeiro exemplo, o tema já mencionado da (in)tolerância religiosa. Ele oferece diferentes possibilidades, históricas, sociológicas e filosóficas de abordagem, que podem ser complementares. A redação do ENEM (e aí fica mais uma possibilidade de abordagem interdisciplinar, em diálogo com a disciplina de Língua Portuguesa) apresentava sua proposta a partir de textos de divulgação, que colocavam a questão sob o aspecto principalmente dos Direitos Humanos, e de gráfico que apresentava no período 2011-2014 as religiões cujos adeptos apresentaram maior número de denúncias.

Outros elementos, não apresentados ali, como a divisão das denúncias por região/estado ou o perfil socioeconômico dos denunciadores não são de difícil obtenção, e permitiriam questionamentos no âmbito da Geografia e da Sociologia, por exemplo. Do ponto de vista histórico, em diálogo com a Literatura, pode-se destacar autores que denunciaram a perseguição às religiões afro-brasileiras, como Jorge Amado em *Tenda dos milagres*, e a intolerância religiosa, como Dias Gomes em *O pagador de promessas*. Os contatos entre os universos culturais e religiosos católico e as religiões de matriz africana estão presentes em romances como *A casa da água*, de Antonio Olinto, e *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. Do ponto de vista filosófico, autores como John Locke, Voltaire, Adam Smith, argumentaram em defesa da tolerância religiosa. E, talvez o ponto mais importante para a questão esteja em pensar como as tradições e instituições religiosas e os atores religiosos veem a tolerância.

O segundo exemplo busco na Arte, em particular no Cinema. Além de atraentes para o estudante, os filmes possibilitam diversas possibilidades de contextualização interdisciplinar. Entre os filmes brasileiros, *Deus é brasileiro* e *O Auto da Compadecida* permitem discutir a

⁹ <https://www.google.com.br/search?q=%22intoler%C3%A2ncia+religiosa%22&source=lnms&sa=X&ved=0ahUKEwjxz57Aza7VAhWCIZAKHf2oCJ4QAUICSgA&biw=1366&bih=652&dpr=1> (acesso: 29/07/2017).

¹⁰ https://www.google.com.br/search?q=%22intoler%C3%A2ncia+religiosa%22&source=lnms&tbm=nws&sa=X&ved=0ahUKEwjm2a_8zk7VAhWFgJAKHdF3BzcQAUICigB&biw=1366&bih=652 (acesso: 29/07/2017).

¹¹ <http://jornalggm.com.br/resultados?g=%22intoler%C3%A2ncia%20religiosa%22> (acesso: 29/07/2017).

¹² <https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/11/06/intolerancia-religiosa-e-o-tema-da-redacao-do-enem-2016.htm> (acesso: 29/07/2017).

experiência religiosa brasileira popular, e, a partir delas, questões filosóficas como o mal e a teodiceia, mas também problemas que se situam na concretude histórico-social, como a representação do negro e da mulher nas religiões, dialogando com os livros de Olinto e Gonçalves mencionados no parágrafo anterior.

No cinema internacional, entre várias opções interessantes, destaco o premiado *As aventuras de Pi*, de Ang Lee, que apresenta o percurso de autodescoberta da personagem-título, marcado por sua relação pessoal com as religiões mundiais e a interpretação simbólica do trágico naufrágio que lhe tirou a família; e *Malcolm X*, de Spike Lee, protagonizado por Denzel Washington, biografia do líder afro-americano, que apresenta sua transformação espiritual motivada por sua adesão ao Islã, no contexto da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos nas décadas de 1950-1960.

Para não concluir

A questão do Ensino Religioso, ou do ensino das religiões, continua a ser um desafio; na verdade, toda a questão educacional permanece sendo um desafio, que deve ter em seu horizonte o direito do estudante ao conhecimento, e aqui em específico, o direito ao conhecimento sobre as religiões numa sociedade plural.

Ao não defender uma disciplina escolar específica, mas um percurso que reconheça a presença do tema religião na escola e a sua articulação interdisciplinar mediante as disciplinas oferecidas na educação básica, permito-me afirmar, no entanto, a necessidade do conhecimento produzido pela Ciência da Religião para a construção do projeto pedagógico interdisciplinar escolar que contemple esse desafio. Isso deve considerar a presença da Ciência da Religião – e do cientista da religião – na formação pedagógica de graduação e na formação continuada do professor de educação básica, afirmação que ultrapassa os limites deste artigo, mas que esteve implícita em seu desenvolvimento.

O que leva a mencionar vários desafios – para a própria Ciência da Religião –, sendo o principal, atualmente, a possibilidade do seu oferecimento em cursos de graduação específicos e também como disciplina nos cursos de formação de professores, de maneira a que os conhecimentos produzidos em nível de pós-graduação possam efetivamente dialogar com os níveis básicos de conhecimento.

Referências

- BUTTON, A. de. **Religião para ateus**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- CAMARGO, V. **Violência ou martírio? Uma análise da violência e do significado do martírio nas fontes e interpretações islâmicas**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.
- CRUZ, E.R. da. **Religião e ciência**. São Paulo: Paulinas, 2014.

- DEBRAY, R. **L'enseignement du fait religieux dans l'École laïque: rapport à Monsieur le Ministre de l'éducation nationale**. Ministère de l'éducation nationale, 2002. Disponível em: <http://media.education.gouv.fr/file/91/4/5914.pdf> (acesso: Junho/2016).
- FRANCO, C. de. Ateísmo contemporâneo e celebração da ética do bem-estar: elementos festivos da espiritualidade ateia. **Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura**, ano XI, n. 49, 2015, pp. 99-106. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/> (acesso: Julho/2017).
- _____. Psicologia e espiritualidade. In: PASSOS, J.D.; USARSKI, F. (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, pp. 399-410.
- FRANKE, E.; PYE, M. The study of religions and its contribution to problem-solving in a plural world. **Marburg Journal of Religion**, v. 9, n. 2, (December 2004). Disponível em: <http://archiv.ub.uni-marburg.de/ep/0004/article/view/3717/3534> (acesso Julho/2017).
- GUERRIERO, S. Nova Era e novas espiritualidades na cidade de São Paulo. In: CAMARGO, A.M. **São Paulo: das tribos indígenas às tribos urbanas**. São Paulo: CIEE, 2013, pp. 183-204.
- KNITTER, P.F. **Introdução à teologia das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PASSOS, J.D. **Ensino religioso: construção de uma proposta**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PIMENTEL, C.S. **Memória brasileira em Áfricas: da convivência à narrativa ficcional**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.
- PINTO, Ciência da Religião aplicada ao patrimônio cultural. In: PASSOS, J.D.; USARSKI, F. (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, pp. 639-648.
- SHEDDY, M. (Org.). Ateísmo metodológico vs. Agnosticismo metodológico. **Último Andar**, 29, 2016, pp. 295-303. (Tradução de Fábio L. Stern). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/31329/21892> (acesso em: Julho/2017).
- SOARES, A.M.L. A contribuição da Ciência da Religião para a formação de docentes ao Ensino Religioso. **REVER**, ano 15, n. 2, jul./dez. 2015, pp. 45-54.
- USARSKI, F. **Constituintes da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. O Budismo em São Paulo. **REVER**, ano 13, n. 02, Jul/Dez. 2013, pp. 83-99.
- VERGNE, S. A. G. de. **Teceres, fazeres e narrativas no Ensino Religioso: a cosmovisão africana como possibilidade de aplicação da Lei 10.639/2003**. (Dissertação). Mestrado em Ciência da Religião. São Paulo: PUC-SP, 2016.

Referências fílmicas

- AS AVENTURAS DE PI**. Direção de Ang Lee. Estados Unidos, 2012.
- DEUS É BRASILEIRO**. Direção de Cacá Diegues. Brasil, 2003.
- MALCOLM X**. Direção de Spike Lee. Estados Unidos, 1992.
- O AUTO DA COMPADECIDA**. Direção de Guel Arraes. Brasil, 2000.

Referências literárias

- AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- GOMES, Dias. **O pagador de promessas**. 62. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- OLINTO, Antonio. **A casa da água**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Recebido em 23/10/2017

Aprovado em 28/10/2017